

denominação  
**Fazenda Espuma**

código  
**AII - FO4 - BP**

localização  
**Rua Álvaro Pereira Gomes, 1.401 - Vargem Alegre, Barra do Pirai**  
município

**Barra do Pirai**

época de construção  
**Início do século XIX**

estado de conservação  
**detalhamento no corpo da ficha**

uso atual / original  
**residencial / fazenda de café**

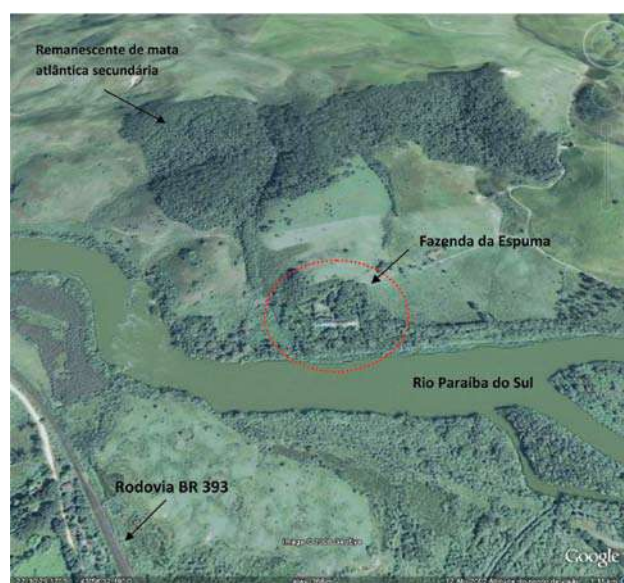
proteção existente / proposta  
**nenhuma / tombamento**

proprietário  
**particular**



### situação e ambiência

O conjunto de edificações que compõem a antiga unidade de produção de café da Fazenda da Espuma se insere, harmoniosamente, na paisagem circundante, apresentando vestígios de que outrora abrigou grande lavoura cafeeira. Implantado numa várzea à margem esquerda do Rio Paraíba do Sul, com altitude aproximada de 360 metros, dista cerca de 70m do seu leito. Fronteira à propriedade, ao norte, destaca-se uma cadeia de morros baixos, do tipo meia laranja, com altitudes variadas entre 400 e 430 metros, sendo parte deles cobertos por floresta secundária de Mata Atlântica. O sítio construído foi idealizado de modo a não permitir a sua visualização de nenhum ponto da área do entorno. O acesso principal se dá pela RJ 141, entre o distrito de Vargem Alegre e a rodovia BR-393.



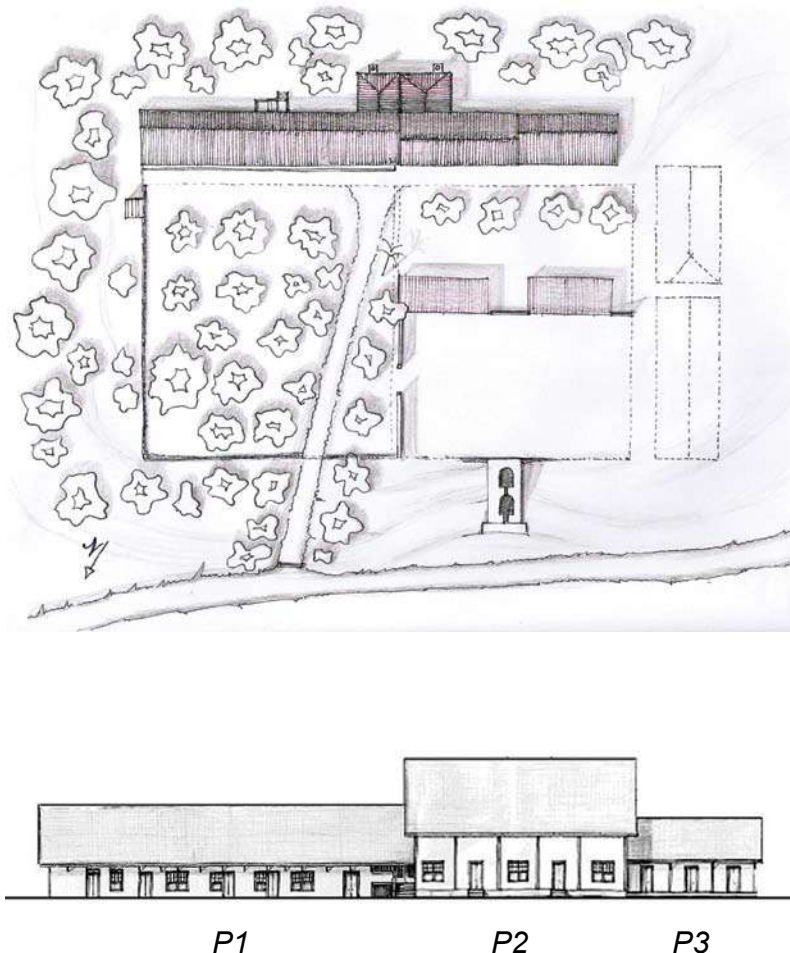
coordenador / data **Adriano Novaes - 2007**  
equipe **Noêmia Lucia Barradas Fernandes e Cláudia Baima Mesquita - jan 2008**  
histórico **Adriano Novaes**

revisão / data **Alberto Taveira e Dina Lerner**  
**mai 2008**

O conjunto arquitetônico é integrado por casa de morada, engenhos de beneficiamento de café e cana, com maquinário original movido a vapor, parte das telhas, além das ruínas do lavador de café. Todas estas construções formam um único bloco, localizado em um dos lados do antigo terreiro de secagem de grãos que, apesar de não possuir mais a cobertura original, conserva ainda o pátio com seus muros de arrimo. O entorno do conjunto encontra-se bastante arborizado com espécies frutíferas, com maior incidência de árvores na lateral e fundo do bloco de construções.



O volume construído é formado por um único bloco, dividido em três partes distintas, sendo duas delas de serviço. A primeira parte do corpo é formada pela casa-sede, antiga casa de morada (P1); a segunda pelo engenho de cana e café (P2) e a terceira, pelas tulhas (P3).



A fazenda apresenta uma linguagem arquitetônica despojada, singela, em que se destacam elementos de gosto romântico, característicos dos “chalés” do final do século XIX, como os beirais com seus lambrequins – madeira recortada em rendilhados – e telhados em duas águas. Apesar da cobertura possuir em cada tramo alturas diferenciadas, a edificação mantém uma unidade volumétrica. Observa-se que o bloco foi construído num desnível do terreno, criando espaço para um porão.

O telhado da casa-sede possui água com abas longas, sustentado por mãos francesas que se projetam à frente, criando um grande avarandado em toda sua extensão que é incorporado ao desenho da fachada. As esquadrias mantêm vergas retas, com batentes de madeira maciça e folhas do tipo “calha”, pintadas nas cores vermelha, verde e ocre. Algumas janelas são contíguas, com guilhotinas de seis vidros lisos, outras são com folhas de venezianas ou com folhas cegas, sendo que todas abrem para fora. Algumas janelas possuem venezianas fixas nas bandeiras.

O engenho, com um pé direito maior do que o restante do bloco, possui, nas empenas que marcam essa diferença, pares de óculos na forma de losangos, alguns fechados pela interferência dos telhados laterais.

A casa-sede está dividida em quinze cômodos, que se comunicam entre si. Há apenas um único cômodo que não se interliga com nenhum outro, embora esteja no mesmo alinhamento da casa. Este cômodo é utilizado para garagem. A morada possui cinco portas na fachada e uma nos fundos e mais quinze janelas. As paredes de todo o bloco são do tipo pau-a-pique ou taipa-de-mão, ou ainda sopapo, emassadas e caiadas; piso de tábua corrida em pinho-de-riça ou peroba, e o interior do imóvel apresenta forro em madeira do tipo saia-e-blusa, embora a maior parte da forração já tenha sido substituída. Não há comunicação interna da casa sede com o engenho. Entre a casa-sede e o engenho existem duas portas de acesso: uma que desce para o porão, alambique e fundos do bloco e outra que sobe por meio de uma escada para um mezanino com vista para parte do engenho e alambique.

O engenho divide-se em dois cômodos: um onde fica a caldeira que movimenta os eixos de ferros e outro onde ficam as máquinas de beneficiamento do café. Ambos possuem mezaninos, portas e janelas que se abrem para o terreiro e para os fundos. Entre as tulhas e o engenho há um único acesso interno por uma porta. As tulhas estão divididas em três cômodos, sem comunicação interna e nem janelas. Cada um dos três cômodos da tulha possui portas que também se abrem para o terreiro.

O alambique localiza-se em um cômodo térreo, com corpo formando um “puxado” do engenho, construído posteriormente em data ignorada. Abaixo do nível do piso do engenho, o acesso se dá através de uma porta entre a casa-sede e o engenho, ou através do cômodo ao lado, onde ficam os tachos de caldo de cana, com saída para os fundos. O alambique em si é todo fabricado em cobre e encontra-se em bom estado de conservação e funcionamento. O espaço possui um mezanino com acesso para o engenho de café onde era moída a cana, abaixo deste, os barris de madeira e dornas para fermentação do caldo e para estoque da aguardente. Ao lado do cômodo do alambique foi construído outro, com características quase idênticas, destinado à fabricação de melado, com dois fornos e tachos de ferro para fervura do caldo de cana. Este também possui os mesmos acessos do alambique e ambos possuem chaminés independentes. Nota-se que os telhados foram substituídos por telhas de amianto.

O antigo terreiro está completamente desfigurado. A parte fronteira a casa-sede foi toda plantada com árvores e a parte fronteira ao engenho e tulha – possui edificações bem recentes para uso como garagem. Há vestígios nítidos do muro que cercava o terreiro pelos quatro lados.





A Fazenda da Espuma foi construída no final do século XIX, provavelmente por volta de 1880. O material e a técnica empregados na construção do conjunto são os comuns do final do século XIX, no Vale do Paraíba – paredes de pau-a-pique assentados sobre alicerces de pedra argamassada – com uso de grande quantidade de madeira de pinho-de-riça e telhas de barro feitas em forma do tipo francesa. Seu estado de conservação é ruim e o grau de caracterização pode ser considerado como preservado, parcialmente, com intervenções na distribuição dos espaços internos, bem como a substituição das telhas de barro do engenho e telha por telhas de amianto. O maquinário antigo mantém-se com grau de autenticidade satisfatório, mas seu estado de conservação é precário.

O madeiramento do engenho e de parte da casa-sede está apodrecido e infestado por cupins. Contornando o telhado, há trechos faltantes nos lambrequins em maior parte, no engenho e telha. A cobertura, originalmente em telhas de barro do tipo francesas, atualmente, existe apenas na casa-sede. As demais partes foram substituídas por placas de amianto.

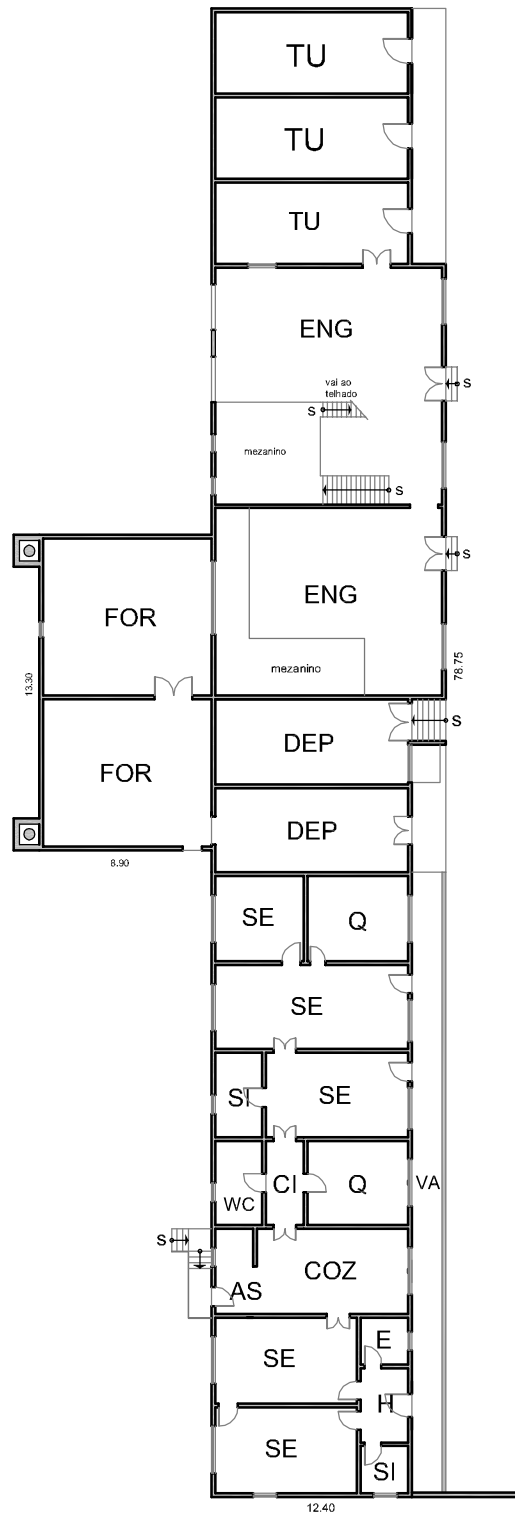
As janelas em guilhotina, comuns no neoclássico, vão sobreviver na Espuma, porém, sem a simetria de outros tempos. Juntas, de duas em duas, dão um aspecto agradável à construção.

Originalmente, o conjunto de edificações tinha o formato de um “L”: a casa de morada, o alambique, o engenho e as telhas num único alinhamento e perpendicularmente a este, numa das extremidades, as antigas senzalas e outras dependências, onde hoje só existem ruínas. No alinhamento paralelo ao do engenho, encontra-se o lavador de café e o portão de entrada da fazenda. Já no alinhamento paralelo à senzala, temos um muro de arrimo para o terreiro de secagem do café que fica ao centro.

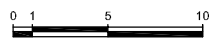
Tudo leva a crer que o proprietário não tinha planos de residir na fazenda; os indícios podem ser comprovados através da localização da casa de morada. Geminada ao alambique e ao engenho, a casa nos dá a idéia de ser uma extensão da área de trabalho.







**FAZENDA ESPUMA**  
 Planta Baixa da Sede - 1º PAVTO. escala: 1/400  
 representação esquemática



AS - área de serviço    COZ - cozinha    E - escritório    FOR - Forno    Q - quarto    SI - sala íntima    VA - varanda    alvenaria existente  
 CI - circulação    DE - despensa    ENG - engenheiro    H - hall    SE - sala de estar    TU - tulha    WC - banheiro

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

All - F04 - BP

**1/1**

equipe:  
 Noemia Lucia Barradas Fernandes/ Claudia Baima Mesquita

desenhista:  
 Noemia Barradas/Claudia Baima

revisão:  
 Francyla Bousquet

data:  
 nov 2007



Em princípios do século XIX, Antonio Teixeira ocupou terras nas margens do Rio Paraíba, que dariam origem à Fazenda da Espuma. Um dos poucos registros da passagem de Teixeira pela propriedade é um mapa produzido em 1814, que configura diversas sesmarias na área compreendida entre as localidades de Dorândia, Ipiabas e Barra do Pirai. Outro documento é o processo de inventário *post mortem* de Manoel Joaquim Soares, de 1842, em que a viúva meeira declara serem suas as terras adquiridas dele, Teixeira.

Em 1844, consta que D. Rita Maria da Conceição, já viúva, vendeu a Fazenda da Espuma (62,5% da antiga sesmaria) ao Barão de Pirai. A estas terras, o barão uniu a outra porção adquirida dos herdeiros de Moreira, como ele declara em 1856 no Registro Paroquial de Terras.

Os Gonçalves de Moraes foram pioneiros na região do Vale do Rio Pirai, na época município de São João Marcos. Em 1776, nascia o seu filho mais ilustre, José Gonçalves de Moraes. Porém, foi nas terras de Pirai doadas por seu pai, Antonio Gonçalves de Moraes, que seu irmão, o Padre Joaquim José Gonçalves de Moraes, fundou um engenho em princípios do século XIX, denominado Três Saltos, levando seu irmão José como sócio e administrador da fazenda.

Por ocasião da partilha dos bens do Barão de Pirai, a Espuma coube à filha D. Joaquina Clara de Moraes Roxo, casada com o Comendador Mathias Gonçalves de Oliveira Roxo, futuro Barão de Vargem Alegre (1866). Seis anos depois de ter recebido de herança do pai, D. Joaquina Clara faleceu, deixando marido e filhos. Logo, feito o inventário dos bens do casal, a fazenda foi herdada pelo filho, Raymundo de Oliveira Roxo.

Tudo indica que a Espuma era apenas uma fazenda de trabalho e produção. Nem mesmo o café era beneficiado no local, provavelmente feito em outra propriedade mais próxima.

Em 1867, Raymundo de Oliveira Roxo vendeu a Fazenda da Espuma ao seu pai, Mathias Gonçalves de Oliveira Roxo, já Barão de Vargem Alegre. Através da partilha dos bens do Barão de Vargem Alegre, coube a Fazenda da Espuma ao filho de igual nome, Mathias Gonçalves de Oliveira Roxo, e sua esposa, D. Joaquina Clara Carneiro Leão Roxo (filha dos Barões de Santa Maria), com 103 escravos, sendo 11 ingênuos (Lei do Ventre Livre). Logo que assumiu o legado, Mathias realizou obras de modernização na fazenda. No engenho, Mathias instalou um moderno maquinário movido a vapor para beneficiamento de café e cana, ainda existente no local, composto por um conjunto de equipamentos, em sua maioria, da marca W.V.V.Lidgerwood e um brunidor “Bernardino Correa de Mattos” todos movidos a vapor, dispensando a roda d água tão comum nas fazendas do Vale.

As obras de conclusão da reconstrução do quadrilátero funcional da fazenda coincidiram com a elevação ao baronato de Mathias, agraciado com o título de Barão de Oliveira Roxo em 13 de setembro de 1882. As tentativas dele em modernizar a produção de café da fazenda da Espuma, a princípio, de nada adiantaram. A maquinaria, por mais abundante ou eficiente que fosse não podia fazer o milagre de enfrentar a insolvência crescente das grandes e pequenas fazendas cafeeiras do Vale, cujos proprietários lamentavam o desaparecimento das fontes de crédito. A raiz das dificuldades estava no envelhecimento e morte dos escravos que trabalhavam nos cafezais também envelhecidos e esgotados. Sem respaldo econômico para enfrentar as mudanças na relação de uma sociedade liberta da escravidão, o Barão de Oliveira Roxo vendeu sua fazenda quatro anos depois da abolição da escravatura.



“Brunidor Bernardino Correa de Mattos”

Como tentativa de aproveitar a lavoura cafeeira no Vale do Paraíba, devido à alta do café nas exportações brasileiras, muitas companhias agrícolas adquiriram diversas fazendas em hasta pública. Em 1892, a Companhia Fluminense de Núcleos Agrícolas adquiriu do Barão de Oliveira Roxo a Fazenda da Espuma.

Passado um ano, a Companhia Fluminense de Núcleos Agrícolas, que se encontrava em apuros financeiros, obrigada a ser liquidada, vendeu novamente a Fazenda da Espuma, juntamente com a da União, que também havia pertencido aos Oliveira Roxo. O adquirente foi o Barão de Peres da Silva, que também ficou pouquíssimo tempo como proprietário vendendo-a em 5 de junho de 1895 ao Capitão Luiz da Silva Pinto.

Pouco tempo depois de adquirida a fazenda pelo Capitão Luiz da Silva Pinto, que também fica pouco tempo a frente da propriedade, esta é vendida em 1898 ao francês Joseph Vachod.

Na escritura de compra e venda da fazenda, Joseph Vachod é citado como negociante e morador na cidade de Lyon, na França, nesta ocasião, representado por seu procurador e irmão Louis Vachod. Com a ausência de Joseph Vachod, o casal Louis Vachod e Solange Baptistine Pottier Vachod assumiu a administração da propriedade.

Em 21 de fevereiro de 1909, faleceu na Fazenda da Espuma Louis Vachod, aos 52 anos de idade, deixando viúva e dois filhos pequenos, Luis e Solange. Meses depois, D. Solange adquiriu a fazenda de Joseph Vachod com as mesmas características da escritura de 1898.

Solange viveu até 1947 na Fazenda da Espuma quando faleceu. Metade da fazenda coube a seu filho Luis Henrique Vachod que se formou pela Faculdade Nacional de Medicina, no Rio de Janeiro. Ficou viúvo em 1976 e neste estado ficou até a sua morte em 1997.

A produção de aguardente também esteve presente durante anos na fazenda, com períodos de interrupções de tempos em tempos. O fabrico da Aguardente Espuma ocorreu entre 1952 e 1994.

Atualmente, a histórica sede da Fazenda da Espuma, com uma área aproximada de 20.000 m<sup>2</sup> pertence à filha Solange Vachod e seus dois filhos, Luis Henriquez e Solange Chiappero.

Sobre a denominação “Espuma”, não encontramos nenhuma explicação plausível para tal nome. Nos documentos mais antigos aparece denominada “Poço da Espuma”. Conta a tradição que este nome tem origem nas “espumas” produzidas pelas águas turvas do Rio Paraíba do Sul, em um redemoinho entre pedras, cujo “poço” fica próximo à localização da sede da fazenda.



“Poço da Espuma”